Irmão Henri VERGÈS na casa do Islã

Extraímos algumas passagens do artigo publicado poucos dias depois do assassinato do Ir. Henri Vergès, na Argélia, onde dedicara longos anos de vida marista a favor do povo argelino.

Uma conversão, dom do Espírito

... Um dia, porém, vi tudo tão simples e claro. Disse-me: "Se escolhi o caminho da obediência, foi para entregar-me incondicionalmente a Deus e não para buscar minha realização, de maneira disfarçada, em atividades não desejadas por Deus". Com isso, abri os olhos: devia deixar a Deus, portanto, a total iniciativa; quanto a mim, cabia-me discernir serenamente sua vontade em todas as circunstâncias e a ela entregar-me com todas as capacidades que Deus me deu para viver em sua plenitude cada instante, aqui e agora. Depois disso, senti que a paz invadia todo o meu ser e me tornava totalmente disponível. Dom do Espírito. Ação de graças.

Minha chamada para a Argélia

Passam-se alguns meses e sou convidado a integrar-me à nossa comu-nidade de Argel para dirigir uma escola diocesana. Brincadeira da Providência que sabe preparar o terreno e esperar o suficiente grau de amadurecimento. Agora, tinha que seguir nas pegadas da Virgem da Anunciação.

... Gozo interior de viver num ambiente que me parecia evangélico. O Senhor sus-citava tais maravilhas em um meio que não partilhava de nossa fé.

... Alguns crentes de boa-fé conjecturavam a nosso respeito algo do mistério de que somos portadores e mesmo pretendiam ingenuamente comunicar-nos sua fé muçulmana: é tudo mais seguro ante o Deus todo-poderoso! Nasceram amizades profundas que se desenvolveram sobretudo durante os cinco anos em que estive só, à espera da chegada do Irmão que devia substituir ao que me havia deixado após dois anos de convivência. A colaboração mútua com as pessoas se intensificava e nos fazia pressentir, no respeito mútuo e na admiração, o Mistério de Deus, presente na diversidade de nossas religiões. Seu Espírito estava ali... e era Ele quem, quando se apresentava a ocasião, fazia vibrar em uníssono os nossos corações. Em meu contato com o Islã popular, compreendi melhor o sentido profundo da oração, do absoluto de Deus e também do acolhimento ao irmão...

Em 1980, se me apresentou a graça de participar no "Ribat", inaugurado no ano anterior, "nascido da iniciativa de alguns cristãos e cristãs, desejosos de uma aproximação mais espiritual da tradição muçulmana, e de crentes do Islã, não só em seus encontros bianuais, mas também nas tarefas do dia-a-dia". Os membros de uma confraria muçulmana nos manifestavam o desejo de unir-se a nós e, de fato, acorrem sempre à nossa reunião semestral que temos geralmente nas quintas-feiras à tarde. São momentos de intensa comunhão, nos quais cada qual pode partilhar na reflexão e na oração o que se esforça por viver cada dia no profundo do seu ser, sobre o tema que nos acompanhou

durante todo o semestre. O próximo tema será: "Faça-se a tua vontade"; o anterior tinha sido: "Conduze-nos na verdade".

É uma experiência privilegiada que mostra o que poderia ser a comunhão de uns crentes que intentam viver, no profundo do seu ser, movidos pelo Espírito. Segundo a bela imagem empregada por um desses irmãos do Islã: "No deserto, quando se juntam diversos grupos, mortos de sede, num lugar onde há água, ninguém se preocupa em indagar quem são os outros: juntos aplacam a sede na fonte de água viva".

Assim fazem também as almas sedentas de Deus.

Tudo isso me permite chegar ao coração de meu ideal marista por uma via totalmente mariana, feita de humilde acompanhamento de Cristo Jesus que age no meio do mundo, e isso ainda que não o entenda... silêncio atento diante do mistério de Deus no homem e que às vezes manifesta-se inesperadamente, cheio de admiração, como aconteceu com a Virgem da Visitação. Então, a pessoa se sente como que impelida a seguir adiante nos compromissos assumidos e a prosseguir na consagração pessoal e também na comunitária.

A atitude positiva não seria, talvez, a de esforçar-se por descobrir no irmão o dom de Deus, isto é, o que só ele leva no interior e que é insubstituível, colocado nele por Deus... com a mesma atitude contemplativa da Virgem, que "guardava todas essas coisas e as meditava no seu coração"?

Conclusão

Tenho que agradecer ao Pai, como a Virgem Maria, pelo dom inestimável de minha caminhada espiritual que tanto deve a esse compartilhar a minha vida "na casa do Islã":

– num ambiente que interpela continuamente, ainda que às vezes intempestivamente, para a oração, a entrega de si mesmo (=Islã) nas mãos de Deus (para nós, o Pai);

– na pobreza, particularmente nesse desprendimento prático a respeito das "estruturas" e das diversas seguranças, que nos torna mais disponíveis ao sopro do Espírito;

– na castidade consagrada, incompreensível para a maioria de nossos irmãos muçulmanos, porém que lhes faz entrever nela um mistério, para nós exigente e para eles interpelante;

– na obediência: "Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou"... Humilde presença, querida certamente por Deus, e que é tão importante para o cristianismo como para o Islã. Atitude que conduz continuamente até o mais profundo do ser para situar-se na verdade com relação a Deus e a seus irmãos, os homens;

– numa comunidade fraterna e acolhedora, comunhão que se enriquece com os valores de acolhimento e partilha vividos no Islã.

Tudo isso vivido dia a dia, na humildade do cotidiano, como a Virgem Maria, avançando na fé como Abraão, pai dos crentes, ignorando aonde o levava Deus, porém caminhando com fé e confiança.

Participar que concretizei mais oficialmente, com o consentimento de meus irmãos, através do meu pedido de nacionalidade argelina, faz seis anos: com isso pretendo ser menos estrangeiro numa maior comunidade de destino.

Em resumo, meu compromisso marista me tem permitido, não obstante minhas limitações, inserir-me, sem desafinar, num meio muçulmano, e minha vida, nesse meio, me tem realizado mais profundamente como cristão e marista.

Ir. Henri VERGÈS